

Armando López Castro
María Luzdivina Cuesta Torre
(editores)

**ACTAS DEL XI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL**
(Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005)

VOLUMEN II



UNIVERSIDAD DE LEÓN
Secretariado de Publicaciones
2007

Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Congreso Internacional (11º. 2005. León)

Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval : (Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005) / Armando López Castro, María Luzdivina Cuesta Torre (editores).

-- [León] : Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007

2 v. : il. ; 24 cm.

Contiene : Vol. I – Vol. II. – Textos en español, portugués y catalán
ISBN 978-84-9773-357-6

I. Literatura medieval-Historia y crítica-Congresos. I. López Castro, Armando. II. Cuesta Torre, María Luzdivina. III. Universidad de León. Secretariado de Publicaciones. III. Título

82.09"04/14"(063)

© **Universidad de León**

Secretariado de Publicaciones

© Los autores

ISBN: 978-84-9773-357-6

Depósito Legal: LE-1443-2007

Impresión: Universidad de León. Servicio de Imprenta

DA ESTOIRE DEL SAINT GRAAL AO LIVRO DE JOSÉ DE ARIMATEIA: AS RELAÇÕES ENTRE A EDIÇÃO DE PARIS DE 1516 E O MS. PORTUGUÊS

Carlos Pio

Université de Strasbourg

O *Livro de José de Arimateia* (para o ms. português uso a sigla P.) constitui a única versão portuguesa conhecida, preservada no códice 643 da Torre do Tombo, da tradução peninsular do romance original francês *Estoire del Saint Graal*; uma tradução castelhana fragmentada, derivada da portuguesa¹, encontra-se hoje na Biblioteca Universitária de Salamanca (séc. XV, Salamanca, ms. 1877, antigo 2-G-5 da Biblioteca de Palacio, Madrid). O texto português existe hoje em códice datável de 1543², e é a cópia quincentista de um manuscrito perdido e datado de 1314, o manuscrito de Riba d'Âncora (Castro 1976/79). A *Estoire* não é um romance isolado: trata-se, na realidade, da primeira parte do ciclo da Vulgata e de um outro ciclo a que Fanni Bogdanow chamou Post-Vulgata³ ou *Roman du Graal*. Este último, escrito por volta de 1230-40, possui uma estrutura tripartida (1. *Estoire del Saint Graal*, 2. *Merlin*, 3. *Queste del Saint Graal*), e resulta de uma refundição de materiais provenientes do ciclo de Tristão e do ciclo da Vulgata.

A *Estoire* sobrevive hoje em pelo menos 59 manuscritos e duas edições impressas (Paris, 1516 e 1523) e, segundo Bogdanow (Bogdanow 1960), divide-se em duas redacções, uma longa e uma breve, que se distinguem pelo material descritivo: em ambas encontramos os mesmos episódios, mas a redacção longa tem mais detalhe descritivo do que a breve. Outra distinção é dada pelo *incipit* que cada uma das redacções oferece. Enquanto a redacção longa começa por «Chil ki la hauteche et la signourie de si haute estoire com est chele du Graal met en escrit par le commandement du grant Maistre mande tout premierement salus a tous cheus», a breve começa por «Cil qui se tient et juge au plus petit et au plus pecheor de toz mande saluz el commencement de ceste estoire a touz ceuls».

Um pequeno número de manuscritos oscila entre as duas redacções. Um dos manuscritos franceses que alterna entre segmentos da redacção breve e da longa é o de Rennes (séc. XIII, Biblioteca Municipal 2427; para o ms. de Rennes uso a sigla R.), o qual coincide precisamente nesses segmentos com o manuscrito português; esta coincidência redaccional situa o texto português muito próximo do original francês da tradução peninsular. Tal aproximação admite, para Bogdanow, uma das duas hipóteses: ou RP são próximos por contaminação ou porque representam fielmente o arquétipo de onde ambos derivam (Bogdanow 1960:346). Na falta deste

¹ A questão da prioridade da tradução galego-portuguesa sobre a castelhana foi encerrada por Heitor Megale (Megale 2001).

² Trata-se de um códice de 1543 cuja língua seria o português do séc. XIII, segundo uma indicação de José Joaquim Nunes (Nunes 1908: 226). A identificação, feita por Ivo Castro, do tradutor com uma personagem do tempo de Afonso III situaria, mais precisamente, a tradução portuguesa em meados do mesmo século (Castro 1976/79 e 1983). Ainda a propósito do estado da língua da cópia portuguesa, v. o estudo de Sílvio de Almeida Toledo Neto (Toledo Neto 2001).

³ Adopto a terminologia «Post-Vulgata» em lugar de «Roman du Graal» bascando-me nas palavras de Alexandre Micha: «Miss B[ogdanow] donne a ce cycle du 'Pseudo-Robert de Boron' le titre de *Roman du Graal*. Il vaudrait mieux l'appeler cycle Post-Vulgate, pour éviter toute confusion avec le *Conte du Graal*» (Micha 2000: 219, n.28). Quanto à constituição dos ciclos arturianos em prosa, José Carlos Ribeiro Miranda tem-se distinguido da restante crítica (Miranda 1998).

arquétipo, o manuscrito de Rennes apresentar-se-ia como uma espécie de proto-original relativamente ao texto português.

Vamos ver, a partir de agora, como se comportam os dois testemunhos quando confrontados entre si. A primeira impressão é a clara coincidência de RP, visto que se cruzam, em várias ocasiões, com o mesmo tipo de detalhe, linguagem e material narrativo. Mas a consanguinidade de RP não fica por aqui: existem casos em que seguem da mesma forma ou a redacção breve ou a redacção longa, tal como sugerira Bogdanow. Em último lugar, ainda mais significativas são as leituras exclusivas que RP têm em comum contra ambas as redacções. Ora são casos como estes que fornecem material absolutamente proveitoso para confirmar a afinidade entre os textos portugueses e os franceses, contrariamente ao que sugere a sua realidade codicológica.

Qual, então, a relevância de uma colação entre R e P? Por um lado, poder-se-iam explicar, ou pelo menos compreender, um determinado número de lições, seja da tradição francesa, seja do ramo português. A única objecção é o ms. de Salamanca não entrar neste quadro tendo em conta o seu estatuto fragmentário; caso contrário, esclarecer-se-iam alguns dos acidentes de transmissão ocorridos no sentido tradição francesa – totalidade do ramo peninsular. Por outro, o ms. de Rennes foi escrito por volta de 1220 (Stones 1977), quer isto dizer que é quase coevo à redacção primitiva da *Estoire*, composta por volta de 1215-1230 e que, portanto, ocupa um lugar muito elevado na tradição francesa. Desta maneira, a ser consanguíneo ao ms. de Lisboa, Rennes elevar-lhe-ia as lições para um lugar de maior antiguidade no estema.

Mas a importância do texto português na estrutura dos ciclos da Vulgata e da Post-Vulgata não fica por aqui (Bogdanow 1999: 41):⁴ se Bogdanow diz que é pouco provável que a *Estoire* da Vulgata diferisse muito da sua versão Post-Vulgata (Bogdanow 1966: 157), e se Bohigas detecta três diferenças textuais entre o *Arimateia* e a *Estoire* (Bohigas 1925: 31-32) – pode isto significar que o ms. português é a cópia de um original francês que contém uma *Estoire* posterior à Vulgata.

As posições de Bogdanow têm sido aceites sem questionamento (Sharrer 1977, Castro 1984, Toledo Neto 1999), mas um exame ainda mais detalhado pode inflecti-las em outra direcção. Quando Ivo Castro edita parcialmente o texto português (Castro 1984), procede a uma colação pontual entre R e os mss. usados por Sommer na sua edição da *Estoire* (Sommer 1909), concluindo, na esteira de Bogdanow, que o testemunho francês não pode estar longe do original da tradução peninsular. Esta colação levanta, contudo, outra hipótese: devido à existência de lugares do texto em que RP se opõem distintamente, muito provavelmente R terá sido contaminado por outro ms. que o afastou da concordância entre o seu antecedente e o original da tradução peninsular (Castro 1988). Foi neste contexto que procedi a uma colação – mais exhaustiva que a publicada por Bogdanow no artigo de 1960 – com vista a avaliar de forma mais sistemática as relações entre o ms. de Rennes e o de Lisboa (Pio 2004).

Numa primeira fase reuni casos que procuravam validar as sugestões de Bogdanow quanto ao estreito grau de parentesco de RP. Esses foram recolhidos em secções do texto distantes entre si e mostram como os dois mss. fazem as mesmas referências pontuais a locais, personagens, episódios e factos. O comportamento semelhante de ambos os testemunhos não valida, em suma, a hipótese de Bogdanow ao afirmar que se tratam de dois mss. contaminados por duas redacções, pois encontrei casos (Pio 2004: 50-60) que revelavam a pontualidade e minúcia no tratamento do material narrativo. Mas valida a segunda hipótese de Bogdanow: quando RP optam unanimemente pelos mesmos segmentos das duas redacções e quando possuem leituras que lhes são exclusivas, fazem-no porque o seu hibridismo resulta do

⁴ Na edição de 1997 da *Estoire* (Ponceau 1997), Jean-Paul Ponceau procede ao estabelecimento crítico do texto recensando 57 mss. e duas edições impressas (1516, 1523); estão portanto fora os testemunhos ibéricos. Trata-se de uma atitude que não deixa de surpreender visto que na *Introduction* segue a descrição dos ciclos em prosa feita por Bogdanow (Ponceau 1997: ix-x).

desdobramento de uma redacção unitária primitiva nas duas redacções breve e longa – neste caso, o grupo RP goza de um estatuto essencial por testemunhar a fonte das duas redacções.

A colação restrita de RP começou, todavia, a mostrar outros resultados. A variação redaccional é um indício do afastamento entre R e P: há casos em que o ms. de Rennes segue uma versão mais longa, e casos em que é o ms. português a seguir uma versão mais longa. Mas o grau de afastamento entre os dois testemunhos não se concretiza apenas na variação redaccional, isto é, na extensão ou brevidade de cada uma das versões. Existem, de facto, ocasiões em que R e P oferecem lições distintas entre si⁵, o que não confirma na sua totalidade a estreita proximidade entre R e P sugerida por Bogdanow – e ela própria o reconhece na sua edição da *Queste*-Post Vulgata, evocando as reticências de I. Castro.⁶

Avaliar o grau de afastamento de Rennes e Lisboa foi o passo seguinte da minha colação, e, para isso, confrontei o par RP com outros testemunhos: o texto da edição Sommer; o ms. de Amsterdão e as leituras de outros mss., citados a partir da ed. Ponceau; finalmente, a ed. de Paris de 1516. A colação alargada acabou por evidenciar que não era somente a variação redaccional a separar R e P porque, além disso, os dois davam conta em muitos casos de leituras divergentes. Mas a colação alargada permitiu repensar no papel da versão portuguesa, e é isso que vamos ver a seguir.

- A – ms. de Amsterdão – redacção longa
- P – ms. português
- Pa – edição de Paris de 1516⁷
- R – ms. Rennes
- So – ms. Brit. Mus. Add. 10292, usado por Sommer (citado por página e linha) – redacção breve⁸

[1]

So	R	P	A	Pa
(109:35-36) lors demanda tout maintenant laiue	(f. 36v ^d) lors parla Calafer et demanda maintenant de l'eue	(f. 113r > 113v) <i>E ele então abriu os olhos // e disse que lhe dessem d'agoa</i>	(f. 54v ^d) <i>Et il ouvri les iex, si esgarda tout entour lui et si le dist ke on li aportast de l'iaue</i>	(f. 51v ^d) <i>adonques ouurit Calafer les yeulx si dist que l'en luy apportast de l'eau</i>

Temos aqui um indício de variação redaccional. A redacção breve está testemunhada por RSo na sequência *demanda maintenant de l'eue* (embora R acrescente *parla Calafer*). O texto português e a edição de Paris contêm a mesma lição, a qual se acha confirmada pela redacção longa (A).

[2]

So	R	P	A	Pa
(110:12) si dist que a celi	(f. 36v ^e) [et Calafer] si dist	(f. 113v) Neste vingarei eu o	(f. 55r ^a) si dist ke a chesti vengeroit il son	(f. 52r ^a) dist qu'il vengeroit de luy pour le

⁵ Para além dos casos tratados por mim, v. o *Apêndice Textual* (Pio 2004: 114-127).

⁶ «Les traductions portugaise et espagnole remontent à un manuscrit étroitement apparenté à celui de Rennes. Elles partagent de nombreuses leçons communes avec ce codex qui ne se retrouvent pas dans les autres manuscrits. Toutefois ils ne sont pas toujours complètement identiques avec le ms. de Rennes. Cf. Ivo de Castro, «Remarques sur la tradition manuscrite de l'*Estoire del Saint Graal*», dans *Homenagem a Joseph M. Piel*, éd. D. Kremer, Tübingen, Niemeyer (1988), 195-206» (Bogdanow 1991: 38-39, n. 20).

⁷ Trata-se do exemplar de Londres, British Library, C.7.b.4., facsimilado em Pickford 1978.

⁸ A filiação de A no grupo dos mss. da redacção longa e de So no grupo dos mss. da redacção breve encontra-se estabelecida em Ponceau 1997: xxvii-xxxi.

vengeroit il son mautalent	qui a cestui uendroit il son maltalent	despeito de seu pai e a morte que recebo	duel et son mautalent et de son pere qui fuïs s'en estoit et de la mort que il avoit recheüe	maltalent de son pere qui fouy s'en estoit et de la mort qu'il attendoit
----------------------------	--	--	--	--

À semelhança do caso anterior, podemos aqui individualizar duas redacções, pois o que está em questão não são leituras distintas, mas desigualdades redaccionais. Ou seja, todos os testemunhos contêm a lição *si dist qui a cestui uendroit il son maltalent*, mas a redacção longa (A) adiciona-lhe a sequência *de son pere qui fuïs s'en estoit et de la mort que il avoit recheüe* – é por esta versão mais extensa que seguem a edição de Paris e o ms. português.

[3]

So	R	P	A	Pa
(68:1-2) Et quant ele se senti garie si dist	(f. 23r ^b) et quant ele [Sarracinte] enti que ele estoit garie de ceste enfermete si fu mout liee et dist	(f. 66r) E, quando [Sargocinta] se vio tam <i>bem sam</i> , disse	(f. 32r ^b) Et quant ele se senti ensi garie, si dist	(f. 31v ^c) et quant elle se sentit <i>bien saine</i> si dist

Este caso permite organizar três grupos: o primeiro, no qual o ms. de Rennes oferece uma inovação ao referir-se à *enfermete* e ao descrever a reacção de Sargocinta (*si fu mout liee*); o segundo, por onde alinha a estrutura paralela do grupo SoA; o terceiro, formado pelo texto português, cuja variante *bem sam* encontra correspondência literal na edição de Paris.

[4]

So	R	P	A	Pa
(108:19-20) & uit vne main tout uermeille qui le portoit par le coute si estoit ausi vermeille comme sans	(f. 36r ^a) et uit une main uermeille qui paroit descouerte et si estoit autresi roge come feus embrasez	(f. 111v) e vio ùa nuve vermelha c fora dela ùa mão, que o tinha, e era tam branca como a neve. E a manga do braço ata o cotovelo, que se parecia, era vermelha como o fogo	(f. 54r ^a) une nue vermelle, et hors de chele nue, si paroit la mains ki le tenoit et si estoit toute blanche comme noif	(f. 50v ^d) vne nue et hors dy celle nue apparissoit la main qui le tenoit plus blanche que noif et la manche du bras apparissoit tout contre bas iusques au coute et si estoit le bras ausi rouge comme s'il feust embrase de feu

Vejamus esquematicamente os *loci critici* que são importantes neste passo:

So:	<i>main uermeille</i>	<i>coute</i>	<i>vermeille sans</i>
R:	<i>main uermeille</i>	–	<i>roge feus</i>
P:	<i>nuve, mão branca neve</i>	<i>manga, braço, cotovelo</i>	<i>vermelha fogo</i>
Pa:	<i>nue, main blanche noif</i>	<i>manche, bras, coute</i>	<i>rouge feu</i>
A:	<i>nue vermelle, mains blanche nois</i>	–	<i>blanche noif</i>

Este caso não é indicativo de variação redaccional porque, não existindo coincidências entre RSoA, não é possível distribuir os testemunhos por redacções. O que salta à vista é, no entanto, a perfeita simetria do texto português e da edição de Paris num exemplo substancial e, ao mesmo tempo, tão propício à confusão entre cores, àquilo a que estas se referem e, por fim, a extensões metonímicas (o *cotovelo* por *manga* e *braço*).

Em resumo, já não é uma novidade afirmar que os mss. de Rennes e de Lisboa não se encontram tão próximos quanto se pensava – facto corroborado em larga escala quando confrontados com outras versões. O que se reconhece, agora, é a acentuada associação entre a

versão portuguesa e a edição de Paris, especialmente porque se está a falar de dois textos tão distantes entre si. Ora esta associação traduz-se em três comportamentos:

1– os dois textos começam pelo *incipit* da redacção breve:

P: (f. 2r) Aquele que se tem e nomea por menor e por mais picador, em começo desta historia, encomendo saude a todos aqueles

Pa: (f. 1ra) Celluy qui se tient et iuge estre en son cuer le moindre et le plus petit et est le plus grant pecheur de tous mande salut au commencement de ceste haulte Hystoire a tous ceulx

2– optam unanimemente pela mesma redacção (1 e 2) – e já não é a primeira vez que estes textos manifestam este comportamento redaccional;⁹

3– registam lições separativas que lhes são exclusivas (3 e 4) – e uma outra lição separativa já fora assinalada por I. Castro (Castro 1988: 203).

Trata-se, assim, de material que leva a postular um sub-arquétipo da tradição francesa comum aos dois textos. A confirmar ou não esta observação, penso que há razões mais do que satisfatórias para proceder a um cotejo sistemático entre as duas versões, operação que trará resultados mais consistentes, quanto ao lugar do *Livro de José de Arimateia* na tradição francesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGDANOW, Fanni (1960), «The Relationship of the Portuguese *Josep Abarimatia* to the Extant French MSS. of the *Estoire del Saint Graal*», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76, pp. 343-375.
- (1966), *The Romance of the Grail*, N. York, Barnes and Noble.
- (1991), *La Version Post-Vulgate de la «Queste del Saint Graal» et de la «Mort Artu», troisième partie du «Roman du Graal»*, publiée par Fanni Bogdanow, Tome I – Introduction, Paris, SATF.
- (1999), «L'importance des fragments de Bologne et d'Imola pour la reconstitution de la Post-Vulgate», *Textos Medievais Portugueses e suas Fontes*, org. H. Megale e H. Osakabe, São Paulo, Humanitas, pp.17-55.
- BOHIGAS, P. Balaguer (1925), *Los textos españoles y gallego-portugueses de la «Demanda del Sancto Grial»*, Revista de Filología Española – Anejo VII, Madrid, Imprenta Clásica Española.
- CASTRO, Ivo (1976/79), «Quando foi copiado o 'Livro de José de Arimateia?'», *Boletim de Filologia*, XXV, pp. 173-183.
- (1983), «Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata», *Boletim de Filologia*, XXVIII, pp. 81-98.
- (1984), «*Livro de José de Arimateia*» (estudo e edição do cód. ANTT 643), dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- (1988), «Remarques sur la tradition manuscrite de l'*Estoire del Saint Graal*», *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, ed. D. Kremer, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 195-206.
- MEGALE, Heitor (2001), *A «Demanda do Santo Graal»: das origens ao códice português*, S. Paulo, Ateliê Editorial.
- MICHA, Alexandre (2000), *Étude sur le «Merlin» de Robert de Boron*, Genève, Droz.
- NUNES, José Joaquim (1908), «Textos antigos portugueses», *Revista Lusitana*, XI, p. 206.
- MIRANDA, José Carlos Ribeiro (1998), *A «Demanda do Santo Graal» e o ciclo arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.

⁹ V. outros casos em Pio 2004: 113.

- PICKFORD, C.E. (1978), *L'Histoire du Saint Graal 1516*, Introduction by C.E. Pickford, Londres, Scolar Press.
- PIO, Carlos (2004), *O Lugar do «Livro de José de Arimateia» na tradição da «Estoire del Saint Graal»*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, 2004.
- PONCEAU, Jean-Paul (1977), *L'Estoire del Saint Graal*, édité par Jean-Paul Ponceau, Paris, Librairie Honoré Champion.
- SHARRER, Harvey L. (1977), *A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material. I. Texts: The Prose Romance Cycles*, London, Grant & Cutler.
- SOMMER, H. Oskar, *The Vulgate Version of Arthurian Romances, edited from manuscripts in the British Museum. Volume I: L'estoire del Saint Graal*, Washington, Carnegie Institute of Washington, 1909 (reimpr. New York, AMS Press, 1969).
- STONES, A. (1977), «The earliest illustrated prose *Lancelot* manuscript?», *Reading Medieval Studies*, vol. 3, pp. 3-44.
- TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (1999), «Breve notícia da matéria arturiana anterior às traduções ibéricas da Post-Vulgata», *Textos Medievais Portugueses e suas Fontes*, H. Megale e H. Osakabe (org.), São Paulo, Humanitas Publicações – FFLCH/USP, pp. 129-156.
- (2001), *Livro de José de Arimatéia (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): camadas linguísticas da tradução ibérica ao traslado quinhentista*, dissertação de doutoramento, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.